

Óbitos por submersão acidental na região sul do Brasil



<https://doi.org/10.56238/sevened2023.004-009>

Rafael Brendo Novais

Graduando de Enfermagem
Universidade Estadual de Maringá

Lais Kaori Sato Murrugarra

Graduanda de enfermagem
Universidade Estadual de Maringá

Kelly Cristina Suzue Imaguchi Luz

Doutora
Universidade Estadual de Maringá

Flávia Cristina Vieira Frez

Doutora
Universidade Estadual de Maringá

Isabelly Leal de Oliveira

Graduanda de Enfermagem
Universidade Estadual de Maringá

Heitor Hortensi Sesnik

Graduando em Enfermagem
Universidade Estadual de Maringá

Jordhan Abner Teixeira Murillo

Graduando de Enfermagem
Universidade Estadual de Maringá

Giovana Munhoz Dias

Graduanda em Enfermagem
Universidade Estadual de Maringá

Gabriel Vale dos Santos

Graduando em Enfermagem
Universidade Estadual de Maringá

Rafaely de Cássia Nogueira Sanches

Doutora
Universidade Estadual de Maringá

Roberta Tognollo Borotta Uema

Doutora
Universidade Estadual de Maringá

Gabriel Zanin Sanguino

Doutor
Universidade Estadual de Maringá

RESUMO

Introdução: O afogamento é a alteração da função respiratória a nível de traquéia, brônquios ou pulmões, por meio da obstrução das vias aéreas resultante de uma submersão/imersão em meio líquido. Os principais fatores de risco de afogamento incluem o consumo de álcool e drogas, a falta de competências para nadar e diversas circunstâncias, incluindo catástrofes naturais e incidentes marítimos. O afogamento acontece principalmente em crianças menores de cinco anos, adolescentes com menos de 15 anos e idosos. **Objetivo:** Identificar e compreender as taxas de óbitos por submersões acidentais em adultos na região sul do Brasil no ano de 2021. **Método:** Tratou-se de um estudo descritivo exploratório e de abordagem quantitativa. A coleta de dados ocorreu por meio do acesso à plataforma de dados em saúde do Ministério da Saúde DATASUS, na aba de informações de saúde Tabnet originados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM). **Resultados e discussão:** Em 2021, foram identificados 79 óbitos por afogamento na região Sul do Brasil. Destes, 67 (85%) eram do sexo masculino e 12 (15%) eram do sexo feminino. Em relação aos óbitos do sexo masculino, 37 (47%) ocorreram no hospital e 30 (39%) foram identificados no domicílio. Já para o sexo feminino 4 (33%) óbitos ocorreram no hospital e 8 (67%) em domicílio. Houve prevalência para ambos os sexos e em ambos os ambientes, seja ele hospitalar ou domiciliar, são adultos entre 20-59 anos, com média de 38 anos, aproximadamente, e na maioria das vezes associado à falta de supervisão apropriada. A predominância em relação à raça/cor foi branca, tendo uma média de 100% para o sexo feminino, e 49 homens (73%), esse sendo seguido de 24% para a raça/cor parda e 3% para a raça/cor preta. **Conclusão:** A incidência de óbitos por afogamentos na região sul do Brasil no ano de 2021 foi maior entre homens adultos de 20 a 59 anos, hospitalizados e de cor/raça branca, em conformidade com informações literárias. Compreende-se que o afogamento é um problema de saúde pública e que as esferas de poder não devem medir esforços para a redução do número de mortalidade por esta causa evitável.



Palavras-chave: Afogamento, Ferimentos e Lesões, Enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

O afogamento é a alteração da função respiratória à nível de traqueia, brônquios ou pulmões, por meio da obstrução das vias aéreas resultante de uma submersão/imersão em meio líquido e que por influenciar no aporte de oxigenação sanguínea ocasiona um comprometimento sistêmico, a todos os órgãos e tecidos. Trata-se de uma das principais causas de morte evitável no mundo (NETO, 2022).

O afogamento pode acarretar em dois desfechos, sendo o óbito do indivíduo afogado ou então a recuperação por meio do resgate que interrompe o afogamento (BERNOCHE et al., 2019)

Na última década, mais de 2,5 milhões de mortes ocorreram decorrentes de afogamentos, sendo que 236 mil pessoas morrem por ano e 40 a cada hora. Cabe ressaltar que 90% dessas mortes ocorrem em países de baixa e média renda (OPAS, 2023).

Dentre os fatores de risco para este trauma, encontram-se o consumo de álcool e drogas, falta de conhecimento de natação e dos riscos aquáticos, e transportes aquáticos (OMS, 2014). As mortes por afogamento podem ocorrer de forma acidental, relacionados a desastres naturais, ao transporte marítimo (CENDERADEWI; DEVINE; SARI; FRANKLIN, 2023).

O afogamento acontece principalmente em crianças menores de cinco anos, adolescentes com menos de 15 anos e idosos. Quando observado as principais causas ou responsáveis pela ocorrência desta situação emergencial, elenca-se os homens, idade menor que 25 anos, supervisão adulta inadequada, intoxicação alcoólica ou por outras substâncias (presente em até 70% dos casos), patologias cardíacas não diagnosticadas, epilepsia, trauma, hipotermia, suicídio e homicídio e hiperventilação prévia ao mergulho (NETO et al., 2022).

O abuso de substâncias ilícitas e psicoativas, como a cocaína quando associada ao uso de bebidas alcoólicas foi considerado um fator diretamente proporcional ao aumento no número de acidentes por submersão com consequente óbito. Tais dados refletem a situação do Rio Grande do Sul, onde também foram encontradas associações com o sexo masculino, faixa etária entre 30 e 50 anos e renda de média a baixa. (TORRES; ARBO, 2020)

A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) aponta seis intervenções de prevenção de afogamento baseadas em evidências científicas de baixo custo, sendo: 1) treinar pessoas em resgate e reanimação seguros; 2) estabelecer e cumprir os padrões de segurança para navegações, transporte marítimo e balsas; 3) melhorar o gerenciamento de risco de inundação em nível local e nacional; 4) instalar barreiras para controlar o acesso à água; 5) proporcionar locais seguros longe da água para crianças em idade pré-escolar, com cuidado infantil treinado; 6) ensinar às crianças em idade escolar habilidades básicas de natação, segurança na água e resgate seguro (OPAS, 2023).



Neste contexto, faz-se necessário identificar como as taxas de mortalidade pelo agravo se comportam em outras regiões do país, considerando que muitos fatores de risco são evitáveis e/ou preveníveis, logo, levantou-se o seguinte questionamento: Quais as taxas de óbitos por submersões acidentais entre adultos na região Sul do Brasil no ano de 2021?

2 OBJETIVO

Identificar e compreender as taxas de óbitos por submersões acidentais em adultos na região sul do Brasil no ano de 2021.

3 MÉTODO

Tratou-se de um estudo descritivo exploratório e de abordagem quantitativa. A coleta de dados ocorreu por meio do acesso à plataforma de dados em saúde do Ministério da Saúde DATASUS, na aba de informações de saúde Tabnet originados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM).

A busca dos dados foi realizada no mês de agosto de 2023, utilizando-se os seguintes filtros: I) Idade, II) Sexo, III) Cor/Raça, IV) Local ocorrência, sendo esse dividido entre óbito hospitalar e domiciliar. A escolaridade não foi avaliada devido à ausência de registro desta no sistema DATASUS. Utilizou-se ainda, o segmento “afogamento e submersão acidentais”, do grupo CID-10, de filtro que permitiu identificar apenas os dados referentes aos óbitos por afogamento que ocorreram no ano de 2021.

Os dados coletados foram organizados e tabulados no software Microsoft Excel versão 2019 para seguimento com a análise estatística e interpretação. Posterior à coleta, a análise ocorreu por meio de estatística descritiva agrupando as variáveis selecionadas, sendo: sexo, idade, cor/raça (branca, preta, amarela, parda, indígena).

Relacionado aos aspectos éticos do desenvolvimento de pesquisa, por se tratarem de dados de domínio público e vinculados ao Ministério da Saúde e de acordo com a Resolução 674/2022 do Conselho Nacional de Saúde, não foi recomendado a submissão para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2021, foram identificados 79 óbitos por afogamento na região Sul do Brasil. Destes, 67 (85%) eram do sexo masculino e 12 (15%) eram do sexo feminino. Em relação aos óbitos do sexo masculino, 37 (47%) ocorreram no hospital e 30 (39%) foram identificados no domicílio. Já para o sexo feminino 4 (33%) óbitos ocorreram no hospitalidade e 8 (67%) em domicílio.



No tangente à idade, há prevalência para ambos os sexos e em ambos os ambientes, seja ele hospitalar ou domiciliar, são adultos entre 20-59 anos, com média de 38 anos, aproximadamente, e na maioria das vezes associado à falta de supervisão apropriada (GOMES, 2017).

A predominância em relação à raça/cor foi branca, tendo uma média de 100% para o sexo feminino, e 49 homens (73%), esse sendo seguido de 24% para a raça/cor parda e 3% para a raça/cor preta.

Os dados encontrados neste estudo são corroborados por Nunes et al. (2023) que identificaram as variáveis relacionadas ao afogamento no Estado de Alagoas. Os autores supracitados reforçam a prevalência de óbitos de homens por afogamento, porém difere quando observado a cor dos indivíduos, sendo que no sul do país a prevalência é de homens brancos e no Estado de Alagoas a prevalência é de homens de cor parda.

Ao analisar ambos os sexos e as áreas onde os óbitos ocorreram, é evidente que a população masculina é a mais vulnerável aos acidentes por afogamento, corroborando com o fato de que os homens têm uma tendência a se arriscar mais. Os dados sugerem ainda que os homens são mais frequentes em empregos que envolvem atividades aquáticas e possuem menos receio, em relação às mulheres, de se aventurar em áreas aquáticas perigosas, desconhecidas e profundas (KOON et al., 2021).

A avaliação do uso de álcool, drogas e fármacos em vítimas que evoluíram ao óbito por afogamento foi objeto de investigação no Estado do Rio Grande do Sul por Torres e Arbo (2020). Os autores reforçam a prevalência do perfil masculino e a contribuição do uso do uso dessas substâncias no desfecho desfavorável dos pacientes afogados.

No sexo feminino, observa-se que apesar dos resultados encontrados serem muito menores quando comparados aos do sexo masculino, estes ainda são presentes. O resultado deste estudo é condizente com demais trabalhos que visam identificar dados relacionados à epidemiologia do afogamento, visto que a morbidade deste agravo ainda é subestimada.

Considerando que o óbito por afogamento é uma lesão grave e que necessita de rápida intervenção, recomenda-se um planejamento mais efetivo de campanhas educativas para sua prevenção, voltadas especialmente à população masculina adulta, haja vista a alta incidência nesta faixa etária, como também, faz-se necessário a obstrução de locais de alto risco para afogamentos, como áreas não costeiras e não turísticas (GÓMEZ et al., 2019).

Por se tratar de uma morte evitável, o manejo e a identificação de sinais de afogamento são imprescindíveis para a sobrevivência dos indivíduos afogados. Nesse sentido, atividades educativas e uso de recursos para a capacitação popular e de profissionais podem influenciar nos índices de afogados. A disseminação dos passos a serem seguidos no Suporte Básico de Vida e no Suporte Avançado de Vida devem ser ferramentas de uso contínuo pela comunidade (CIBULSKI et al., 2023).



5 CONCLUSÃO

A incidência de óbitos por afogamentos na região sul do Brasil no ano de 2021 foi maior entre homens adultos de 20 a 59 anos, hospitalizados e de cor/raça branca, em conformidade com informações literárias.

Reconhecer a disparidade de gênero nos incidentes de afogamento, nos leva a promover um senso de responsabilidade e vigilância, e ressalta a importância dos esforços colaborativos entre instituições de saúde pública, comunidades e indivíduos para proteger a saúde e a vida dos homens na idade adulta.

Compreende-se que o afogamento é um problema de saúde pública e que as esferas de poder não devem medir esforços para a redução do número de mortalidade por esta causa evitável.

Ainda, ressalta-se a importância da educação em saúde, educação popular e educação profissional, que ao serem realizadas, possuem potencial para reduzir significativamente os índices de mortalidade e os desfechos ruins de indivíduos afogados.



REFERÊNCIAS

- BERNOCHE, C. et al. Atualização da Diretriz de Ressuscitação Cardiopulmonar e Cuidados Cardiovasculares de Emergência da Sociedade Brasileira de Cardiologia -2019. *Arq Bras Cardiol*, São Paulo, v. 113, n. 3, p. 449-663. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0066-782X2019000900449&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 out. 2023.
- CENDERADEWI, M.; DEVINE, S. G.; SARI, D. P.; FRANKLIN, R. C. Fatal drowning in Indonesia: understanding knowledge gaps through a scoping review. *Health Promot Int*. v, 38, n. 5, p. 1-22, 2023. doi: <https://doi.org/10.1093/heapro/daad130>
- CIBULSKI, G. M. et al. Intervenções e técnicas de suporte a vida nos afogamentos: uma revisão narrativa. *Braz J Health Review*. Curitiba, v. 6, n. 1, p. 468-478, jan./feb., 2023. doi: 10.34119/bjhrv6n1-038
- DATASUS. tabnet.datasus.gov.br/tabnet/tabnet.htm. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br>. Acesso em: 26 out. 2023.
- GOMES, G. A.; BIFFI, D.; RIBEIRO, V.R. Perfil epidemiológico das vítimas de afogamento do estado do Rio Grande do Sul. *Revista Perspectiva: Ciência e Saúde*. v. 2, n. 2, 2017. Disponível em: <http://sys.facos.edu.br/ojs/index.php/perspectiva/article/view/110/95>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- GÓMEZ, C. A. et al. El ahogamiento: epidemiología, prevención, fisiopatología, reanimación de la víctima ahogada y tratamiento hospitalario. *Emergencias : revista de la Sociedad Espanola de Medicina de Emergencias*. v. 31, n. 4, p. 270-80, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31347808/>. Acesso em: 11 ago. 2023.
- KOON, W. et al. Coastal drowning: A scoping review of burden, risk factors, and prevention strategies. *PLoS One*. v. 16, n. 2, 2021. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0246034>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- NETO, R. A. B.; de SOUZA, H. P.; MARINO, L. O.; MARCHINI, J. F. M.; de ALENCAR, J. C. G.; RIBEIRO, S. C. C. *Manual de medicina de emergência: disciplina de emergências clínicas: Hospital das Clínicas da FMUSP*. 3. ed. Santana de Parnaíba: Manole, 2022.
- NUNES, J. B. B. et al. Caracterização dos óbitos por afogamentos ocorridos no estado de Alagoas de 2010 a 2019. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, v. 16, n. 9, p. 16328-16345, 2023.
- Organização Mundial de Saúde. *Global Report on Drowning*. Portugal: Açores: Neptune Serenity - Associação de Prevenção do Afogamento, 2014. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/143893/9789241564786-por.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2023.
- TORRES, C. S.; ARBO, M. D. Prevalência de álcool e drogas em mortes por afogamento no Rio Grande do Sul. *Rev Bras Crimin*, v. 9, n.2, p. 47-55, 2020, doi: <http://dx.doi.org/10.15260/rbc.v9i2.370>